



## INSTINTO TRANSFORMADO: PULSÕES E RAZÃO NA FILOSOFIA TRANSCENDENTAL

### TRANSFORMED INSTINCT: DRIVES AND REASON IN TRANSCENDENTAL PHILOSOPHY

Fedeico Ferraguto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma reconstrução conceitual e histórica do processo de transcendentalização do impulso na filosofia de Fichte, examinando sua recepção e reelaboração na fenomenologia husserliana. Argumenta-se que, desde os escritos de Jena até os *Tatsachen des Bewusstseins*, Fichte concebe o impulso como uma estrutura fundamental da atividade racional, capaz de articular a relação entre sujeito e mundo. Husserl retoma essa intuição, inserindo-a no quadro de uma teoria da razão em que a vida instintiva e a intencionalidade racional são concebidas como dimensões complementares da consciência. A análise se concentra no papel das pulsões, do hábito e da passividade na constituição do sentido, evidenciando como tais elementos abrem caminho para uma reformulação das condições materiais da filosofia transcendental. Ao discutir o conceito de *affordance* e sua articulação com a estrutura da experiência, o texto aponta para a atualidade desse debate, mostrando como a filosofia transcendental pode dialogar criticamente com as ciências cognitivas, sem abdicar de seu núcleo reflexivo. A investigação oferece, assim, uma chave de leitura original para a compreensão da gênese da racionalidade a partir das camadas pré-reflexivas da subjetividade.

**Palavras-chave:** Filosofia transcendental; Impulso; Passividade; Hábito; Fichte; Husserl.

**Abstract:** This paper offers a conceptual and historical reconstruction of the process of the transcendentalization of drive (*Trieb*) in Fichte's philosophy and examines its reception and further development in Husserl's phenomenology. It argues that, from his early Jena writings to the *Tatsachen des Bewusstseins*, Fichte conceives of drive as a fundamental structure of rational activity, capable of articulating the relation between subject and world. Husserl takes up this intuition and integrates it into a theory of reason in which instinctual life and rational intentionality are seen as complementary dimensions of consciousness. The analysis focuses on the roles of drive, habit, and passivity in the constitution of meaning, showing how these elements pave the way for a reformulation of the material conditions of transcendental philosophy. By discussing the concept of *affordance* and its connection to the structure of experience, the article highlights the contemporary relevance of this debate, demonstrating how transcendental philosophy can engage critically with cognitive science while retaining its reflective core. This investigation thus provides an original perspective on the genesis of rationality grounded in the pre-reflective layers of subjectivity.

**Keywords:** Transcendental philosophy; Drive; Passivity; Habit; Fichte; Husserl.

#### 1 Passividade, tendência e constituição do sentido

O debate contemporâneo sobre a consciência valoriza sua dimensão passiva, contrastando-a com um suposto hiperativismo da modernidade (Han, 2012, 45). Essa perspectiva revela que a constituição do sentido não é apenas fruto de intenções claras do

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de Roma "Tor Vergata" (Itália). Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [federico.ferraguto@pucpr.br](mailto:federico.ferraguto@pucpr.br)



sujeito, mas também de uma “passagem ao ato” (Bernet, 2004, 146 sg.) motivada por tendências, hábitos ou sínteses passivas (Testa-Caruana, 2020). Na fenomenologia de Husserl, o *tender* da consciência desenvolve esse movimento a partir do conceito de intencionalidade instintiva (*Triebintentionalität*), que explica seu movimento em direção ao mundo e sua conexão constante com ele. Assim, Husserl concilia duas demandas centrais da filosofia clássica alemã: a por uma ciência filosófica rigorosa e a por uma descrição concreta do sujeito que a pratica (Henrich, 1991, 10; Henrich, 1987, 21).

De fato, a abordagem husserliana busca integrar idealismo e realismo, mostrando que o real é constituído tanto pela subjetividade quanto por um fundamento ontológico que assegura sua objetividade (Schnell, 2015, 80-81). A consciência, nesta dinâmica, revela potencialidades inicialmente opacas, reflexo de tendências ocultas na correlação entre sujeito e mundo. Esta valorização do *tender* é resultado de um percurso enraizado no amadurecimento da biologia e da filosofia da natureza do século XVIII, que culmina na “transcendentalização” do conceito de impulso. Trata-se de um processo de integração de conceitos antropológicos e da filosofia da natureza, tais como *nisus*, *appetitus*, *impetus*, *conatus*, *instinctus*, ou de expressões frequentes na filosofia da natureza do fim do século XVIII, como *Bewegung*, *Neigung*, *Anstoss*, *Streben* (cf. Cesa, 1993; Fabbri Bertolotti, 1990; Buchenau, 2002), e também caracterizado pelo deslocamento da tematização do impulso em um horizonte especulativo que não identifica apenas as prestações do sujeito concreto, mas sim a estrutura extrasubjetiva da razão que se articula através das prestações subjetivas<sup>2</sup>.

Neste artigo, discutimos um momento-chave desse movimento e, em particular, apresentamos algumas formas da transcendentalização do impulso em Fichte e o modo como tal transcendentalização se articula como momento fundamental de uma filosofia

---

<sup>2</sup> Uma pesquisa sobre a história conceitual da dimensão instintiva do sujeito foi realizada por Buchenau, 2002. No que diz respeito a uma abordagem histórica dos conceitos de impulso, tendência, esforço e instinto na modernidade tardia, é importante mencionar pelo menos os trabalhos de Gambarotto (2018), Kunio (1988), Lenoir (1982), Zammito (2017) e a mais recente coletânea organizada por Noller e Kisner (2022). Esses estudos têm o mérito de mostrar, a partir de diferentes perspectivas, o complexo processo de transcendentalização do léxico da filosofia da natureza e da biologia como base para sua reconfiguração em termos antropológicos, éticos e metafísicos. No entanto, esses trabalhos não destacam a importância que, no desenvolvimento da reflexão sobre essa temática, tiveram tanto a doutrina da ciência de Fichte (vista essencialmente como um contrapeso subjetivo a desenvolvimentos teóricos mais originais, como o de Hegel, Nuzzo, 2022), quanto a reflexão husserliana. Em relação a Husserl, essa valorização pode ser encontrada em alguns estudos recentes, entre os quais Altobrando (2010), que tem, entre outros méritos, o de oferecer uma visão abrangente da recepção husserliana de Leibniz e da função que este desempenha na maturação da perspectiva fenomenológica. Quanto à importância da discussão sobre o realismo nesse contexto, contribuí nos últimos anos com os estudos em Ferraguto (2024c), Ferraguto (2025), Ferraguto (2023a) e Ferraguto (2023d), com o objetivo de construir as bases para uma tematização mais ampla e sistemática.



como ciência rigorosa, tal como a fenomenologia husserliana. Isso permite aprofundar a análise historiográfica relativa à recepção da filosofia de Fichte no debate contemporâneo e, em especial, na consolidação da perspectiva fenomenológico-transcendental e em seus desdobramentos atuais<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, essa análise possibilita legitimar de maneira rigorosa as possíveis influências das discussões desenvolvidas por Fichte sobre a estrutura da consciência entre 1794 e 1814 no amadurecimento da compreensão husserliana da estrutura da correlação intencional entre sujeito e mundo como conjunto de pulsões, assim como desenvolver uma investigação sobre a reflexão husserliana a respeito das pulsões e refletir sobre as perspectivas que essa reflexão abre no debate contemporâneo. Tal abordagem fomenta uma reflexão sobre os pressupostos de uma possível reescrita da história da metafísica que privilegie a *dynamis* em relação à *ousia* e, portanto, a dimensão da força ativa em oposição ao dualismo entre ato e potência. Trata-se, nesse sentido, de um desenvolvimento orientado ao transcendentalismo, na medida em que se propõe a oferecer uma gênese das hipostatizações conceituais da tradição filosófica e a rastreá-las nas estruturas e nos modos de agir da subjetividade.

Nas considerações a seguir, irei apresentar uma reflexão sobre o processo de transcendentalização do impulso em Fichte (§ 2). Em seguida, irei mostrar como Husserl retoma e desenvolve essa intuição fichteana em duas direções complementares: por um lado, na direção de uma descrição da esfera instintiva da consciência; por outro, em direção à assimilação dessa esfera no interior de uma teoria da razão (§ 3). Por fim, irei discutir os desdobramentos do debate fenomenológico e transcendental em relação às temáticas correlatas do hábito e das *affordances* (§ 4). O objetivo é mostrar como a reflexão transcendental sobre os instintos pode representar um caminho promissor para estender o transcendentalismo em direção à investigação de suas condições materiais.

## 2 A transcendentalização do impulso em Fichte

A doutrina do impulso elaborada por Fichte nas exposições de *Doutrina da ciência* entre 1793 e 1814 é expressão deste contexto histórico e teórico (De Pascale, 1994). A

---

<sup>3</sup> A relação entre Fichte e a fenomenologia transcendental husserliana representa o foco de alguma literatura norte-americana e francesa recente (Weibel, 2010; Labib, 2009; Schnell, 2004; Maeschalck 2003 e 2007, Fabbianelli, 2014). Esta tendência reconsidera algumas tentativas, mais triviais, de interpretar de um ponto de vista fenomenológico o pensamento de Fichte, que ocorreram no século passado por Hyppolite (Hyppolite, 1956), por exemplo. A pesquisa de Dedeurwaerdere (especialmente Dedeurwaerdere, 2002) parece mais em sintonia com os resultados da edição crítica de Fichte e de Husserl. Finalmente, é particularmente interessante, em termos de perspectivas teóricas e filosóficas o trabalho de Bernet, 1996, que trabalha a relação entre Husserl, Schopenhauer e Freud.



constituição da objetividade, que qualifica o pensamento fichteano desde as primeiras anotações de 1793-1794 intituladas *Eigene Meditationen ueber Elementarphilosophie e Praktische philosophie*, se concretiza na dedução da relação entre a absoluta espontaneidade do eu e a referência dele para com um elemento exterior (o não-eu), que se torna necessária para o eu compreender a si mesmo como princípio ativo do conhecimento<sup>4</sup>. O procedimento de Fichte não visa, contudo, encontrar na espontaneidade do eu um princípio metafísico que produza o não-eu, mas pretende pôr o problema da compreensão das modalidades que tornam a relação entre eu e não-eu compreensível através de uma fundamentação prática do conhecimento teórico em termos de esforço (*Streben*; Fichte, 1964, II, 3, 48). O esforço, de fato, não anula o objeto no eu, mas expressa o “tender” da razão a se libertar de todo entrave exterior (Fichte, 1964, II, 3, 183-184). Esta tendência, porém, não chega a ser uma causalidade real (Fichte, 1964, I, 2, 418). Ela torna-se um impulso do eu a elaborar modelos para assimilar o entrave e doar para ele um sentido racional.

A configuração teórica da racionalidade do agir do eu concreto que opera no mundo é apresentada por Fichte nas lições ministradas entre 1796 e 1799, chamadas de *Wissenschaftslehre nova methodo*. Nesta fase do pensamento fichteano, o conceito de impulso é interpretado como elemento sistemático para explicar a concretude do eu reflexivo no processo de esclarecimento dos princípios para justificar o próprio discurso filosófico. No esclarecimento desta passagem teórica, o impulso é entendido como “impulso da inteligência” e, em especial, como impulso para a formação de esquemas de compreensão do entrave, no sentido de uma modificação racional dele (Fichte, 1964, IV, 2, 71). A partir deste núcleo teórico que, seja na *Doutrina da ciência nova methodo*, seja nos textos posteriores (por exemplo nos *Tatsachen des Bewusstseins* de 1811 e de 1813) se constitui, segundo Fichte, o que nós chamamos de mundo ou de natureza (Fichte, 1964, II, 11, 130). E é com base nesta estrutura que Fichte consegue dar conta (nos *Tatsachen*

---

<sup>4</sup> Na literatura secundária, a doutrina fichteano dos impulsos foi apresentada e discutida de maneira muito aprofundada nas suas dimensões psicológicas, antropológicas (Fabbianelli, 1998; Fabbianelli, 2000; De Pascale, 1994) e filosófico-naturais (Moiso, 1979, Lauth, 1984, Drouet, 1972), bem como no que diz respeito às perspectivas estéticas ou éticas implícitas nela (Pareyson, 1950; Ivaldo, 1992; Fonnesu, 1993; Soller, 1984). Também são muito significativas as discussões sobre a estrutura e a função do *Trieb* na doutrina da ciência de Fichte e sua relação com a alteridade. A este tema clássico dedicaram-se, além de Drouet (1972) e, mais recentemente, Breazeale (2013), Holtzel (2020), Gottlieb (2020) e Ternet (2022), que tiveram, respectivamente, o mérito de reconduzir o *Anstoss* a uma estrutura imanente à razão e, no segundo caso, de interpretar *Anstoss* e *Aufforderung* como um mesmo momento da consciência visto de diferentes ângulos. Essas reflexões, contudo, não abordam as implicações e os desdobramentos dessa estrutura no pensamento de Fichte após os anos de Jena.



*des Bewusstseins*, assim como nos *Diários sobre o magnetismo animal* de 1813) dos desvios da consciência concreta, ou seja, das patologias psíquicas, conceituados como patologias da imaginação (Fichte, 1964, II, 11, 34). Neste sentido, a pesquisa transcendental de Fichte contribui para a formação teórica de um esquema de compreensão da consciência concreta como algo caracterizado por uma tensão entre consciente e inconsciente, entre consciência racional e operacionalidade instintiva, que está apresentada em todas as suas implicações psicológicas, antropológicas e filosófico-naturais (Maldiney, 1991, 143; Scribner, 2010).

A análise das relações entre esforço e sentimento marca um limite no pensamento de Fichte, como aponta Reinhard Lauth (1996, 86). Fichte aborda o sentimento como meio para tomar consciência da natureza instintiva do eu, mas não explora plenamente a receptividade em sua dimensão dóxico-prática (Kinlaw, 2012). Isso gera um cruzamento teórico na filosofia transcendental com duas direções possíveis: aprofundar os nexos internos da *Wissenschaftslehre* como filosofia primeira, ou investigar as estruturas transcendentais da receptividade, incluindo a intencionalidade da percepção. Após 1801, Fichte segue mais a primeira direção, abandonando a análise das camadas inferiores da consciência concreta e, passando pela doutrina do *Trieb des Seins* apresentada entre 1804 e 1807 (Ferraguto, 2024a), chega a um depotenciamento das figuras do tender e do impulso, que são reconduzidas a expressões de estruturas conceituais mais complexas.

Esse depotenciamento aparece de forma muito clara nos *Fatos da consciência* de 1813, onde Fichte foca nas modalidades pelas quais, ao se colocar em ação, a razão pode sempre ir além de uma configuração pontual, entendendo-a como uma realização específica de suas potencialidades ou de um certo *modus operandi*, implícito na construção de uma determinada correlação entre intuição e pensamento, ou entre sujeito e mundo (Fichte, 1834, I, 441), e configurando-a progressivamente como “ordem” do real (Fichte, 1834, I, 466). Fichte parece, assim, redimensionar a estrutura horizontal de sua filosofia e mostrar como a prestação da consciência intencional não é determinada em função de uma resposta a um estímulo externo, mas como a sua tendência estrutural de ultrapassar a si mesma implica a formação de esquemas possíveis (e virtuais) para a compreensão do real (Gabriel, 2011, XVII-XVIII).



### 3 A teoria husserliana das pulsões entre inconsciente e teleologia

Seria exatamente essa ambiguidade implícita na doutrina da ciência que tornaria a abordagem de Fichte particularmente interessante para os desenvolvimentos da fenomenologia. Em Husserl, de fato, a recuperação da noção de instinto ou impulso ocorre tanto em função da descrição das camadas inferiores da consciência concreta quanto para explicar a dinâmica geral da razão, chegando a afirmar, como veremos mais adiante, que a razão é “instinto transformado”<sup>5</sup>. Em termos fenomenológicos, a base para o eu agir conforme a razão, unindo vida instintiva e operações reflexivas, pode ser vista como o despertar da consciência intencional pela materialidade da vida ou como a manifestação da vida em posições teóricas e práticas do eu (Dedeurwaerdere, 2003). A introdução do impulso no contexto da visão fenomenológico-transcendental articula a relação entre a teleologia interna do sujeito, que organiza a estrutura aperceptiva a partir de nexos motivacionais, e a teleologia externa, ligada à constituição racional do mundo e da natureza. Fichte já vislumbrava essa conexão na *Wissenschaftslehre*, e Husserl a desenvolve como *universale Selbstregelung* da vida racional nos artigos publicados na revista *Kaizo* (Husserl, 1950, XXVII, 30). Esta perspectiva, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da fenomenologia transcendental, se apresenta como uma evolução histórica e teoricamente coerente, se bem atormentada, do conceito husserliano de intencionalidade, a ser entendido como uma dinâmica em que o objeto não fica simplesmente presente, mas “torna-se” presente ou “esconde-se” na ausência (Deodati, 2012).

A partir deste contexto teórico, é possível identificar dois movimentos, que têm uma relevância significativa para o desenvolvimento da nossa pesquisa e que ainda merecem um aprofundamento na pesquisa tanto sobre Fichte quanto sobre Husserl. O primeiro envolve a reflexão de Husserl desenvolvida nos *Estudos sobre a estrutura da consciência*, que são um conjunto de manuscritos produzidos por Husserl entre 1909 e 1914, retomados no curso de 1920-21 sobre a *Transzendente Logik*, assim como em *Erfahrung und Urteil*<sup>6</sup>. De fato, os *Estudos* representam o resultado de uma busca que,

<sup>5</sup> A literatura crítica husserliana afirma constantemente de maneira mais ou menos explícita a dupla face das reflexões de Husserl sobre a vida instintiva, trazendo à luz as suas diversas implicações em estudos que podem ser chamados de “clássicos” da literatura secundária husserliana (Marbach, 1974 e Bernet, 2004), assim como em pesquisas mais específicas que enfrentam os pormenores técnicos da dimensão genética da fenomenologia transcendental de Husserl (Holenstein, 1972; Rang, 1973; Yamaguchi, 1982; Spinicci, 1985; Lee, 1993; Deodati, 2012; Deodati, 2014).

<sup>6</sup> A relação entre a vida instintiva e a definição transcendental da estrutura da subjetividade e as suas implicações interdisciplinares representam um dos elementos mais novos da pesquisa fenomenológica



apesar do título muito promissor, não apresenta uma investigação sistemática sobre a estrutura da consciência. Trata-se, no entanto, de experimentos fenomenológicos, por meio dos quais Husserl busca abarcar o inteiro campo de desenvolvimento da atividade da consciência nas suas prestações passivas, receptivas e ativas. Como mostra esse conjunto de manuscritos husserlianos, trata-se também de análises que visam encontrar uma estrutura, no sentido de uma arquitetônica, da consciência, a partir da qual ficaria possível explicar todos os elementos e acontecimentos psíquicos. Entre os vários contextos sistemáticos (Melle, 2015) em que poderia ficar situado este trabalho husserliano tem com certeza o projeto de uma crítica ou uma teoria da razão que Husserl desenvolve a partir de 1907 e concretiza já nas *Ideias I* de 1912, e tem a ver com os pressupostos para uma crítica fenomenológica dos princípios racionais a partir de uma investigação, desenvolvida sobretudo na terceira parte sobre “Modalidade e tendência”, da “passividade” da vontade, tratada justamente sob o título de “tendência”, “inclinação”, “esforço”, “impulso”, ou pulsão.

A característica geral desses estudos consiste em dar conta da complexidade da dimensão tendencial da consciência, distinguindo, por um lado, as pulsões como base ainda inarticulada para as tomadas de posição da vontade e, por outro, o tender como dinâmica que sustenta as realizações reflexivas e conscientes da própria consciência. No primeiro caso, trata-se de estímulos que a vontade pode seguir ou não, de maneira arbitrária; no segundo, de linhas associativas que esboçam o próprio percurso da constituição do sentido (Husserl, 1959, XLIII, 3, 67-97). Entre essas duas acepções – pulsão e tendência – não há, contudo, uma descontinuidade real: os estímulos cegos são posteriormente reconfigurados e reorientados no nível reflexivo, passando a assumir um sentido estável (Husserl, 1959, XLIII, 3, 420). Com isso, não se pretende afirmar que Husserl seja um determinista, mas sim destacar que a estabilidade do ser só se revela mediante sua implicação condicional nas circunstâncias do mundo (Bernet, 2020, 236), as quais – como veremos adiante – se manifestam como um entrelaçamento entre a exposição à contingência e a resposta a seus desafios por meio da formação de hábitos. Essa chave de leitura, apenas esboçada por Bernet (2020, 242 ss.), torna-se mais explícita

---

contemporânea. Do ponto de vista da literatura primária, vale a pena lembrar que a edição crítica dos *Estudos sobre a estrutura da consciência* foi recentemente publicada e, até por conta do volume consistente de páginas, ainda não teve um tratamento completo e adequado. Os textos husserlianos foram transcritos no *Husserl-Archiv* de Colônia e foram publicados no tomo 43 da *Husserliana*. Até hoje, há poucas pesquisas sobre estes textos husserlianos (entre os quais a de Deodati, 2012).



quando se considera o segundo movimento de uma possível comparação entre Fichte e Husserl.

Esse segundo movimento tem a ver explicitamente com Fichte e coincide com as lições de 1917 e 1918 intituladas *Fichtes Menscheitsideal*. Nestas lições, que refletem os resultados de uma frutuosa confrontação com o neokantismo que, em particular, com a escola do Baden (Windelband, Rickert, Lask)<sup>7</sup>, Husserl interpreta a doutrina da ciência como um discurso filosófico em que fundação teórica rigorosa e fundamento prático da ciência filosófica fazem parte de uma única prática de pensamento. Ao radicalizar a visão kantiana, para Husserl, a busca filosófica de Fichte aparece mais orientada a colocar a questão acerca da realidade do mundo em termos de *constituição*, ou seja, como expressão de uma tendência (Husserl, 1950, XXV, 274), ou de um esforço do eu a agir, ainda, como expressão de um *Handeln zu Handeln (agir para agir)*. Por isso, o agir do eu não pode ser compreendido como algo irracional, mas como baseado na unidade de um *telos* (Husserl, 1950, XXV, 274) que reconfigura em termos racionais a irracionalidade da tendência. Esta interpretação husserliana de Fichte alcança plenamente a concepção fichteana da aplicação da *Doutrina da ciência* e torna-se importante por uma série de razões que poderiam ser resumidas por um trecho dos manuscritos husserlianos tardios, conforme “a fenomenologia dos instintos fica na base da teleologia transcendental” (Manuscrito série E, III, 9, 6). Ao mesmo tempo, a interpretação husserliana parece antecipar o percurso apresentado nos §§ 40-48 das *Meditações cartesianas*, onde o filósofo busca fornecer uma reinterpretação do sentido das expressões “idealismo transcendental” (§ 40) e “não eu” (§ 48) no sentido da elaboração de uma teleologia interna ao sujeito, possibilitada por uma racionalização das variadas tendências que o afetam.

Antes da síntese dos rumos da fenomenologia apresentada em 1931, expressões mais evidentes desta abordagem aparecem nas *Análises sobre a síntese passiva* e na obra *Experiência e Juízo (Erfahrung und Urteil)*, editorada por Landgrebe. De fato, nesses

---

<sup>7</sup> Fora do trabalho de Koehnke, 1991, que fornece uma história minuciosa do neokantismo, uma pesquisa aprofundada sobre a recepção dos elementos teóricos da filosofia de Fichte na filosofia alemã entre o fim do século XIX e o começo do século XX, ainda falta e, em especial, falta uma exposição ampla e extensa da interpretação de Fichte dada por Emil Lask (Glatz, 2001). Sobre a recepção da filosofia de Fichte no ambiente neokantiano, cf. Ferraguto (2024c), no que se refere especificamente à influência de Fichte sobre o pensamento de Lask; Guidetti (2017) para uma análise mais ampla da recepção fichteana na escola de Baden; Porta (2004), que oferece uma reconstrução histórica detalhada da recepção da filosofia clássica alemã no contexto do psicologismo no início do século XX; e Bredeson (2020), cuja investigação se concentra especialmente na leitura de Natorp e suas conexões com a tradição fichteana.



trabalhos, bem como em *Ideias 2*, Husserl desenrola completamente a etimologia da palavra grega *phainomenon*, que não significa apenas “o que aparece”, mas o próprio processo do aparecer, através do qual o fenômeno se manifesta. A fenomenologia não consiste em uma descrição do objeto fora do eu, mas na apresentação de um processo em que sujeito e objeto são sintetizados em uma única dinâmica transcendental.

Assim, na sua tentativa de dar conta da origem genética das prestações da consciência, a fenomenologia transcendental se insere em um quadro que reflete, sem dúvida, uma trajetória unitária e aponta para a exibição do que Gueroult (1930, 9) chamou de “dinamismo genético”, ou seja, de um movimento que, na esteira de Leibniz, é caracterizado por um “aprofundamento ... da imanência da consciência”, visando à reconciliação da filosofia com a unidade de teórico e prático, de sensível e especulativo.

No entanto, Husserl não parece ficar limitado a uma explicação e a uma legitimação da estrutura formal da racionalidade. Na esteira de uma tradição que remonta a Leibniz e a Schopenhauer, Husserl recepciona um elemento especificamente fichteano, em interpretar a estrutura da relação intencional como uma dinâmica que é por si mesmo reflexiva e autorreflexiva (Landgrebe, 1982). Ao mesmo tempo ele amplia a perspectiva de Fichte mostrando como esta dinâmica permita, não apenas as dinâmicas de constituição do objeto por parte do sujeito, mas também explicar o próprio estruturar-se do objeto enquanto tal.

De fato, ao dar corpo à dimensão genética da fenomenologia, Husserl se dedica à reconstrução da dimensão passiva que forma o pano de fundo das prestações do juízo como expressão de uma dinâmica que precede a atuação do sujeito e que a estrutura previamente (cf. por ex. Husserl, 1950, IV, 6-7, 35, 136). Em *Experiência e Juízo*, por exemplo, a descrição da correlação entre sujeito e objeto que subjaz à gênese das prestações do juízo sempre implica “uma intenção que tende para além do dado e de seu modo momentâneo de datidade, a fim de se direcionar para um ulterior *plus ultra*”. Essa tendência (*Tendenz*), entretanto, não corresponde diretamente a uma deliberação do eu, mas é, por assim dizer, ditada pelo próprio objeto ou pela matéria. A tendência está associada ao modo como as coisas são dadas em função do nexos motivacional que elas identificam, ou seja, ao processo pelo qual, em correspondência com uma certa atitude e em função de uma certa mediação física e ambiental, é privilegiada uma das possíveis manifestações da coisa (Spinicci, 1985, 28).

A datidade “assume assim o caráter de uma datidade compreendida de uma maneira particular, um interesse predominante vai para ela, a tendência da experiência



termina nela e é preenchida por ela” (Husserl, 1950, IV, 60). Esse interesse muda a relação com a coisa, da relação entre sujeito e objeto para a relação entre pessoa e coisa e, nesse nível, a coisa “é o ponto de partida de tendências mais ou menos fortes” (Husserl, 1950, IV, 189). Sobre esse fundo “obscuro” da constituição objetiva, Husserl reconstrói a vida do juízo atravessada pela “tendência à consequencialidade do juízo no sentido mais amplo, ou seja, à manutenção da concordância no juízo” (Husserl, 1939, 374).

Em seu desenvolvimento, a recondução husserliana do tender aos nexos motivacionais e às conexões associativas faz com que sua natureza não totalmente irracional apareça. A racionalidade aparece no manifestar-se do instinto (*Instinkt*) nas ações e na determinação de seu horizonte vazio, ou seja, de seus objetivos ou dos objetivos de suas tendências (*Tendenzen*). Na medida em que um conteúdo aparece na realização do instinto, ligado a esse conteúdo está também um certo valor. O instinto, em certo sentido, está ligado a algo que vale a pena que aconteça. No entanto, ele está sempre ligado também a um certo horizonte vazio e, nesta perspectiva, tem a função de abrir estruturalmente um campo de possibilidades, que, justamente por ser definido em termos associativos, não é completamente arbitrário.

Para Husserl, de fato, “a razão é instinto (*Instinkt*) transformado, o afeto e a intenção instintiva atravessam toda a vida racional” (Husserl, 1950, XLIII, 134). No entanto, isso não implica, segundo o que Montavont (1999, 274) argumenta, uma incapacidade de penetrar nas profundezas da passividade da consciência e sua assimilação a um tipo de atividade na qual a razão anula e nega a passividade. Mais do que isso, Husserl afirma que o tender perpassa (*durchgeht*) a razão, no sentido de que a racionalidade é concretamente articulada como tal ao se estruturar como uma função do próprio impulso.

Dessa forma, Husserl parece sintetizar, de maneira original, tendências complementares que recorrem nas discussões que animaram o debate filosófico alemão e que levaram a compreender o impulso, antes como uma força não teleológica típica dos seres vivos e, depois, por meio de uma complexa assimilação especulativa, como um momento fundamental e não antropológico para a articulação concreta da razão. No entanto, a teleologia da razão, que, segundo Husserl, Fichte enxerga e a fenomenologia transcendental explícita de forma rigorosa (Husserl, 1950, XXV, 276-277), não é, como queria Kant, uma função da razão humana em busca da construção de leis para compreender a natureza, mas é implícita na correlação inseparável entre razão e matéria.



#### 4 Condições materiais de possibilidade da filosofia transcendental: do tender para o hábito

Com a reconstrução das relações entre a doutrina da ciência e a fenomenologia transcendental em relação a estas questões, se torna possível pensar um processo de “osmose de ideias” que permite avaliar, em suas raízes históricas e nas suas consequências teóricas, um percurso de longo prazo que, da época pós-kantiana, traz até algumas das tendências mais recentes da filosofia da mente contemporânea. Como tentamos apresentar nas seções antecedentes, a recepção husserliana da doutrina fichteana das pulsões incorpora a deriva metafísica da teoria de Fichte e procura solucionar as criticidades desta última, por meio de um aprofundamento da reflexão sobre a constituição pulsional das camadas elementares da experiência do eu. Neste sentido, a interpretação husserliana não recusa, e sim põe de maneira legítima o problema de uma possível “naturalização” da filosofia transcendental, isto é, a questão relativa à legitimidade e às possibilidades de conciliar os resultados da investigação transcendental da subjetividade com os resultados conseguidos pelas ciências empíricas da consciência (Zahavi, 2009, 47). Trata-se de uma tendência relevante na discussão e na pesquisa atual sobre a filosofia transcendental e, nos seus diversos sentidos, busca conciliar a exigência husserliana de considerar o método fenomenológico como uma alternativa à metodologia das ciências naturais e, por outro lado, a tendência do próprio Husserl a entender a fenomenologia como um suporte para o desenvolvimento e a construção do próprio conhecimento científico (Husserl, 1950, VIII, 159).

No âmbito da discussão contemporânea, há diversas tendências ligadas à naturalização da fenomenologia<sup>8</sup>. Uma das propostas relevantes nesse contexto foi apresentada pelo fenomenólogo Eduard Marbach: segundo ele, a fenomenologia poderia estabelecer uma comunicação mais eficaz com as ciências por meio da tradução de seus resultados para uma linguagem matemática, capaz de evidenciar de forma clara as analogias entre a investigação científica da consciência e os elementos introduzidos por Husserl (Marbach, 2006). Outra abordagem importante no debate sobre a naturalização

---

<sup>8</sup> Quanto à relação entre a filosofia transcendental e a discussão em torno da filosofia da mente, deve-se mencionar a coleção de Stolzenberg-Ameriks, 2005, o trabalho de Klotz (2002) e a pesquisa de Gabriel (2011). O trabalho de Marbach (1993) fornece os alicerces teóricos para o desenvolvimento da discussão acerca da extensão interdisciplinar dos resultados da fenomenologia, baseada justamente sobre um aprofundamento da temática fenomenológica acerca da vida instintiva em suas implicações interdisciplinares e debatida em geral por Zahavi-Gallagher, 2009, e aprofundada por Gallagher-Schmicking (2010, sobretudo no que refere-se à neurobiologia) e por Zahavi-Grünbaum-Parnas (2004, no que refere-se a psicologia e psiquiatria).



da fenomenologia é a da neurofenomenologia de Francisco Varela (cf. Varela, 1996), que propõe um diálogo sistemático entre a investigação da experiência vivida e os dados neurocientíficos.

Esta perspectiva busca integrar a análise fenomenológica da experiência, a teoria dos sistemas dinâmicos e a experimentação empírica sobre os sistemas biológicos e se põe na mesma direção de Husserl ao entender a fenomenologia como uma reflexão sobre a experiência, chegando a propor uma concepção da fenomenologia como exercício preliminar para os cientistas, capaz de guiar e orientar as próprias experiências científicas. Esta tendência é ulteriormente desenvolvida por Gallagher (2003) que busca conceituar os elementos da fenomenologia como orientações para projetar novos experimentos científicos sobre a consciência. Estas últimas duas tendências têm uma certa importância justamente para avaliar a função do instinto e do impulso na constituição passiva da experiência (Gallagher, 1979; Varela, 1999), apresentam questões teóricas significativas para avaliar a sustentabilidade da teoria husserliana das pulsões (Zahavi, 2006) e põem questões teóricas que excedem o âmbito puramente fenomenológico, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das tendências da discussão filosófica atual em torno da consciência.

Do ponto de vista da fenomenologia transcendental, as habitualidades em que se articulam as tendências e que sustentam a correlação intencional permitem focalizar esse problema, sintetizando tanto a dimensão fundacional típica do transcendentalismo quanto a exigência de concretude pressuposta na correlação intencional e reivindicada pela naturalização da fenomenologia.

O conceito de hábito, na esteira da contribuição merleupontiana aos desenvolvimentos da fenomenologia transcendental (Lafontaine, 2016), foi valorizado na discussão contemporânea precisamente para abordar esse problema (Testa-Caruana, 2020). Argumentou-se que, para além das prestações efetivas e transparentes da consciência, a crítica às condições de exercício do saber filosófico deve penetrar o horizonte latente da constituição objetiva, investindo não apenas seu aspecto formal — ou seja, a coerência de suas argumentações —, mas também seu aspecto material, isto é, as motivações implícitas que levam um indivíduo específico a desenvolvê-la (Béguet, 2005). Nesse contexto, o hábito, ao sofrer um deslocamento em relação à ideia aristotélica de *hexis* (Funke-Schmandt, 1961, 48-49), torna-se expressão de sínteses possíveis para a constituição de um objeto (Husserl, 1950, I, 97, 101), ou de pressupostos ocultos ou momentos esquecidos que podem sempre ser reativados em termos associativos e que



representam a base última para explicar o processo de constituição objetiva (Husserl, 1939, 45, 47, 137).

Para a fenomenologia husserliana, a função desses pressupostos ocultos, no entanto, não é linear nem univocamente definível. Não é possível atribuir a Husserl, como faz certa literatura inspirada em Bourdieu (Throop-Murphy, 2001), nem a redução do hábito a uma propriedade do eu puro, nem a limitação à diferenciação de dois lados: um atribuível ao eu puro e entendido como “princípio de constância ou permanência” do próprio eu (Bourdieu, 2015, 22), e o outro como um “modo de conhecer” não teórico típico do sujeito empírico (Bourdieu, 2015, 24).

Em Husserl, o hábito pode ser reconduzido a esses dois significados apenas na medida em que é compreendido em sua natureza estruturalmente relacional ou operativa (Moran, 2011, 59-60). De fato, o hábito assume a função de preparar ou organizar a concretude da vida subjetiva para as tomadas de posição reflexivas e gerais do eu. O hábito é referido ao sujeito empírico na medida em que define a experiência como o resultado de uma aquisição surgida do confronto com as regularidades do mundo social (Caminada, 2019, 347), em que são significativas as modalidades dessa aquisição, as quais infundem “segurança na decisão e na ação nas situações ordinárias da vida” (Bourdieu, 2015, 24; cf. a respeito também Husserl, 1939, 52; Bégout, 2004, 174).

Essa, que para o próprio Husserl é uma “modalidade de comportamento que é praticamente ativa e avaliativa, em vez de ser especificamente uma modalidade de comportamento cognitivo e de juízo”, é, ao mesmo tempo, relevante na tipificação dos objetos do conhecer predicativo, ou seja, na constituição do objeto como objeto para um conhecimento que vale universalmente (Husserl, 1939, 148; Kokozka, 2004). Entre essas duas dimensões, não há separação (Bergmann-Hoffmann, 1984, 294). O eu das tomadas de posição teóricas não é produzido, nem surge diretamente de uma instância mais originária. Antes, o eu aparece a si mesmo em um processo de constituição não ativa, caracterizado por uma perda da origem e por sua recuperação por meio da formação dos *habitus* (Montavont, 1999, 121). O ego puro e o sujeito empírico seriam, portanto, vinculados e ambos reflexos de uma operatividade geral da vida da consciência caracterizada simultaneamente pelo fluxo, pela perda da origem e pela fixação em conceitos (ou tipos) gerais.

Nesse ponto, Husserl certamente se distancia de Fichte, que, embora coloque no centro da formação da filosofia transcendental o conceito de hábito (Ferraguto, 2024e), limita seu alcance ao conceito de habilidade (*Fertigkeit*, Fichte, 1964, IV, 3, 214; Fichte,



2000, 3-4), a qual, contudo, articula um “instinto da razão” que se manifesta no caráter específico de cada indivíduo (Fichte, 1964, I, 7, 373, 416).

A perspectiva husserliana, aprofundada por outros autores (McKinney, 2020; Rietveld, 2008), parece, em todo caso, dar conta das dinâmicas que sustentam a construção dos hábitos em função das *affordances* ou das oportunidades que derivam do ambiente. Tais estruturas, no espírito da fenomenologia de Husserl, não são empíricas ou psicológicas, mas transcendentais. Ou seja, elas não se limitam a descrever como se constrói um certo tipo de experiência individual, mas identificam as formas ou funções através das quais a razão se estrutura em relação a uma certa experiência (Christiensen, 2008).

Na perspectiva de Gibson (1979), que no debate contemporâneo valorizou esse conceito, as *affordances* dizem respeito simultaneamente à ação e à percepção. O mundo aparece ao organismo em termos de disponibilidade para ação e engajamento. As *affordances* têm uma dimensão relacional: não são características objetivas e prontas para uso do ambiente, nem estão “no organismo”. Elas consistem, antes, na “relação” entre o organismo e o ambiente circundante. Entendidas em seu caráter motivacional, no entanto, as *affordances* não podem ser vistas como meras oportunidades. Elas representam, antes, convites ou solicitações à ação, que não chegam necessariamente a conceitos, mas envolvem objetos e estados de coisas no mundo: “Se a ação é possível, é porque a realidade permite e, portanto, nos solicita a nos engajar nela” (Ferraris, 2015, 227). Os objetos, em outras palavras, manifestam uma direção de uso e oferecem oportunidades para ações que são dadas, percebidas, e não meramente pensadas.

Fichte, que primeiro conferiu ao conceito de solicitação ou “convite” (*Aufforderung*) uma função sistemática relevante na compreensão da estrutura da subjetividade concreta, sustenta que o próprio convite, ou *Aufforderung*, é expressão de uma determinação para a autodeterminação do sujeito (Fichte, 1964, I, 3, 242). Essa autodeterminação é, ao mesmo tempo, a condição para que o eu possa compreender-se como sujeito que age de modo livre e eficaz no mundo, segundo um fim que, por um lado, é livremente projetado e, por outro, é expressão de uma direção específica dada pelo ambiente e pela comunidade de que o sujeito faz parte. Desde os seus primeiros escritos (por ex. Fichte, 1964, I, 1, 70 sg.), Fichte mostra como a compreensão desse convite caminha junto com um desdobramento reflexivo da consciência. Ao compreender o convite, o sujeito toma consciência de suas operações, as tematiza e as orienta em função da solicitação recebida.



O “convite”, de fato, não representa a resposta a um estímulo, mas a elaboração de uma sugestão (Fichte fala de “conceito”) sobre um estado de coisas. Tal sugestão possui duas características: 1) pressupõe uma comunicação e 2) torna-se evidente no encontro do sujeito com um “ambiente”, ou seja, com constelações de objetos validados do ponto de vista intersubjetivo (Fichte, 1964, I, 2, 74). Assim, a resposta ao convite pressupõe que o convite seja compreendido e, sobretudo, que se entendam as potencialidades dessa resposta.

Essa tematização das condições do pensar e do agir do eu representa, para Fichte, o primeiro passo para a construção de uma compreensão filosófica. A filosofia não representa, contudo, uma opção do sujeito concreto, mas a mais elementar e completa expressão de um comportamento atento, consciente das potencialidades implícitas na própria solicitação e focado na construção de novos e progressivamente sensatos modos de estar no mundo. Tal construção ocorre por meio do exercício e do cultivo de disposições e gestos repetidos, que encontram na prática filosófica um horizonte privilegiado, tanto para sua descrição quanto para sua realização. De fato, a construção e a realização da *Wissenschaftslehre* fichtiana oferecem uma confirmação brilhante da tese segundo a qual a problematização do hábito nos permite “compreender o método filosófico como um conjunto de habilidades críticas para transformar a passividade do pensamento ordinário em uma prática ativa” (Carlisle, 2014, 140).

Essas poucas considerações, permitem mostrar como a abordagem transcendental não é alternativa, mas integrada a um modelo filosófico que visa à definição das condições materiais de possibilidade do filosofar, ou seja, do vínculo indissolúvel do sujeito concreto com seu contexto e com os esquemas simbólicos que permitem articular a justificativa de seus próprios discursos (Bourdieu, 1998, 221).

## Referências

ALTOBRANDO, A. **Husserl e il problema della monade**. Torino: Trauben, 2010.

BÉGOUT, B. **Esquisse d’une théorie phénoménologique de l’habitude**. Alter, Paris, v. 12, p. 173–190, 2004.

BÉGOUT, B. **La découverte du quotidien**. Paris: Allia, 2005.

BERGMANN, W.; HOFFMANN, G. Habitualität als Potentialität: Zur Konkretisierung des Ich bei Husserl. **Husserl Studies**, Dordrecht, v. 3, n. 1, p. 281–305, 1984.



BERNET, R. The Unconscious Between Representation and Drive: Freud, Husserl and Schopenhauer. In: DRUMMOND, J. J.; HART, J. G. (orgs.). **The Truthful and the Good**. Dordrecht: Springer, 1996. p. 81–95.

BERNET, R. **Conscience et existence**. Paris: PUF, 2004.

BERNET, R. **Force, drive, desire: A philosophy of psychoanalysis**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2020.

BOURDIEU, P. **Sociologie générale, volume 1: Cours au Collège de France 1981–1983**. Paris: Raisons d’agir/Seuil, 2015.

BOURDIEU, P. **Meditazioni pascaliane**. Milano: Feltrinelli, 1998.

BREAZEALE, D. **Thinking through the Wissenschaftslehre**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BREDESON, G. Z. Back to Fichte? Natorp’s doubts about Husserl’s transcendental phenomenology. In: APOSTOLESCU, I.; ŞERBAN, C. (orgs.). **Husserl, Kant and transcendental phenomenology**. Berlin: De Gruyter, 2020. p. 411–438.

BUCHENAU, S. **Trieb, Antrieb, Triebfeder dans la philosophie morale prekantienne**. Revue germanique internationale, Paris, 2002. Notas: artigo em periódico.

CARLISLE, C. **On habit**. London: Routledge, 2014.

CARR, D. **The Paradox of Subjectivity: The Self in the Transcendental Tradition**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CESA, C. Der Begriff Trieb in den Frühschriften von J. G. Fichte (1792–1794). In: CESA, C.; HINSKE, N. (orgs.). **Kant und sein Jahrhundert**. Frankfurt am Main: Lang, 1993. p. 165–185.

CHRISTENSEN, B. From McDowell to Husserl and beyond. In: CHRISTENSEN, B. **Self and world: From analytic philosophy to phenomenology**. Berlin: Walter de Gruyter, 2008. p. 362–379.

DE PASCALE, C. Die Trieblehre bei Fichte. **Fichte-Studien**, Amsterdam, v. 6, p. 229–251, 1994.

DEDEURWAERDERE, T. **Action et contexte: Du tournant cognitiviste à la Phénoménologie transcendente**. Hildesheim-Zürich-New York: Olms, 2002.

DEDEURWAERDERE, T. Structure d’éveil et pouvoir d’inférence pratique dans la phénoménologie génétique. In: GODDARD, J. C. (org.). **Fichte: La philosophie de la maturité (1804–1814)**. Paris: Vrin, 2003. p. 253–269.

DEODATI, M. **La dynamis dell’intenzionalità**. Milano: Mimesis, 2012.

DEODATI, M. **L’intenzionalità all’opera: Studi sul pensiero di Husserl**. Milano: Mimesis, 2014.

DROUET, R. L’Anstoss fichtéen: essai d’élucidation d’une métaphore. **Revue philosophique de Louvain**, Louvain, v. 70, p. 384–392, 1972.



FABBIANELLI, F. **Impulsi e libertà**. Genova: Pantograf, 1998.

FABBIANELLI, F. **Antropologia trascendentale e visione morale del mondo**: Fichte e il suo contesto. Milano: Guerini, 2000.

FABBIANELLI, F. **Husserl und die klassische deutsche Philosophie**. Dordrecht: Springer, 2014.

FABBRI-BERTOLETTI, S. **Impulso, formazione e organismo**: Per una storia del concetto di «Bildungstrieb» nella cultura tedesca. Firenze: Le Lettere, 1990.

FERRAGUTO, F. Realismo racional como heurística da filosofia. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 64, p. 167–190, 2023.

FERRAGUTO, F. Sulla concezione bardiliana dell'arbitrio: Una preparazione al realismo logico. **Daimon – Revista Internacional de Filosofía**, Murcia, v. 1, p. 1–17, 2023.

FERRAGUTO, F. Assuefazione all'autonomia: L'abitudine nel trascendentalismo di Husserl e Fichte. **I Castelli di Yale**, Bologna, v. 11, p. 59–75, 2023.

FERRAGUTO, F. Fichte's concept of "Repräsentant des Absoluten" as an answer to Rational Realism. In: BONDELI, M.; WESTERKAMP, D. (orgs.). **Vorstellung, Denken, Sprache**: Reinholds Philosophie zwischen rationalem Realismus und transzendentalen Idealismus. New York: De Gruyter, 2023. p. 139–156.

FERRAGUTO, F. Dalla Nova Methodo alla Prima Methodo: Tendere e impulso nel tardo Fichte. **TRANS/FORM/AÇÃO**, Marília, v. 47, p. 1–21, 2024.

FERRAGUTO, F. The materialization of consciousness and the defense of transcendental phenomenology in Husserl. **Griot**, Ilhéus, v. 24, p. 14–27, 2024.

FERRAGUTO, F. Emil Lasks Auslegung der Wissenschaftslehre. **Fichte-Studien**, Amsterdam, v. 53, p. 564–589, 2024.

FERRAGUTO, F. Meditazioni pascaliane e meditazioni cartesiane. **Conjectura**: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 28, p. 1–22, 2024.

FERRAGUTO, F. Sulla scelta della filosofia secondo Fichte. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 79, p. 1803–1828, 2024.

FERRAGUTO, F. Do pensar ao tender: perspectivas fenomenológicas sobre o realismo racional. **Cadernos de Filosofia Alemã**: Crítica e Modernidade, São Paulo, v. 30, p. 31–50, 2025.

FERRARIS, M. **Transcendental realism**. *The Monist*, Chicago, v. 98, p. 215–232, 2015.

FICHTE, J. G. **Nachgelassene Werke**. Edição de E. Fichte. Bonn: Marcus, 1834.

FICHTE, J. G. **Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften**. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1964. 4 v. (I: Werke; II: Nachgelassene Schriften; III: Briefwechsel; IV: Kollegnachschriften).

FICHTE, J. G. **Die Wissenschaftslehre**: Zweiter Vortrag im Jahr 1804. Hamburg: Meiner, 1986.



FONNESU, L. **Antropologia e idealismo**: La destinazione dell'uomo nell'etica di Fichte. Bari: Laterza, 1993.

FUNKE, G.; SCHMANDT, J. Gewohnheit. **Archiv für Begriffsgeschichte**, [S.I.], v. 3, p. 7–606, 1961.

GABRIEL, M. **Transcendental ontology**. New York: Continuum, 2011.

GALLAGHER, S.; SCHMICKING, D. **Handbook of Phenomenology and Cognitive Science**. Dordrecht: Springer, 2010.

GALLAGHER, S.; ZAHAVI, D. **La mente fenomenologica**: Filosofia della mente e scienze cognitive. Milano: Cortina, 2009.

GAMBAROTTO, A. **Vital forces, teleology and organization**: Philosophy of nature and the rise of biology in Germany. New York: Springer, 2018.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GLATZ, U. **Emil Lask**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2001.

GOTTLIEB, G. Fichte's Relational I: Anstoß and Aufforderung. In: HOELTZEL, S. (org.). **The Palgrave Fichte Handbook**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020. p. 213–235.

GUEROULT, M. **L'évolution et la structure de la doctrine de la science chez Fichte**. Paris: Les Belles Lettres, 1930.

GUIDETTI, L. Il problema delle categorie tra neokantismo e fenomenologia. **Rivista di Filosofia Neo Scolastica**, n. 3, p. 613–641, 2017.

HAN, B.-C. **La società della stanchezza**. Torino: Einaudi, 2012.

HENRICH, D. Was ist Metaphysik – was ist Moderne? Zwölf Thesen gegen J. Habermas. In: HENRICH, D. **Konzepte**: Essays zur Philosophie der Zeit. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1987. p. 11–43.

HENRICH, D. **Konstellationen**: Probleme und Debatte am Ursprung der idealistischen Philosophie (1789–1795). Stuttgart: Cotta, 1991.

HOELTZEL, S. Fichte's account of reason and rational normativity. In: HOELTZEL, S. (org.). **The Palgrave Fichte Handbook**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020. p. 189–212.

HOLENSTEIN, E. **Phänomenologie der Assoziation**. Den Haag: Nijhoff, 1972.

HUSSERL, E. **Gesammelte Werke**. Edição de H. L. van Breda; S. IJsseling. Den Haag: Nijhoff, 1950–. 43 v.

HUSSERL, E. **Erfahrung und Urteil**. Praag: Academia, 1939.

HYPOLITE, J. L'idée fichtéenne de la doctrine de la science et le projet husserlien. In: VAN BRED, L.; TAMINIAUX, J. (orgs.). **Husserl et la pensée moderne**. Den Haag: Nijhoff, 1956. p. 21–72.

IVALDO, M. **Libertà e ragione**: L'etica di Fichte. Milano: Mursia, 1992.



KISNER, M.; NOLLER, J. **The concept of drive in classical German philosophy**: Between biology, anthropology, and metaphysics. Cham: Springer, 2022.

KLOTZ, C. **Selbstbewusstsein und praktische Identität**. Frankfurt am Main: Klostermann, 2002.

KÖHNKE, K. C. **The Rise of Neo-Kantianism**: German academic philosophy between idealism and positivism. Tradução de R. J. Hollingdale. Prefácio de L. W. Beck. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Press, 1991.

LABIB, O. **De Husserl à Fichte**: Liberté et réflexivité dans le phénomène. Paris: L'Harmattan, 2009.

LAFONTAINE, S. Quid de l'habitus? *Revue de l'Institut de Sociologie*, Bruxelles, v. 86, p. 119–134, 2016.

LANDGREBE, L. **Faktizität und Individuation**: Studien zu den Grundfragen der Phänomenologie. Hamburg: Meiner, 1982.

LASK, E. **Fichtes Idealismus und die Geschichte**. Tübingen: Mohr, 1903.

LAUTH, R. **Die transzendente Naturlehre Fichtes nach den Principien der Wissenschaftslehre**. Hamburg: Meiner, 1984.

LAUTH, R. **Il problema trascendentale della libertà**. Milano: Guerini, 1996.

LENOIR, T. **The strategy of life**: Teleology and mechanics in nineteenth-century German biology. Dordrecht: Reidel, 1982.

MAESSCHALCK, M. Attention et signification chez Fichte et Husserl: Les conditions d'une lecture phénoménologique de Fichte. In: GODDARD, J. C. (org.). **Fichte**: La philosophie de la maturité (1804–1814). Paris: Vrin, 2003. p. 215–233.

MAESSCHALCK, M. **Idéalisme et phénoménologie**. Hildesheim: Olms, 2007.

MALDINEY, H. **Penser l'homme et la folie**. Grenoble: Millon, 1991.

MARBACH, E. **Das Problem des Ich in der Phänomenologie E. Husserls**. Den Haag: Nijhoff, 1974.

MARBACH, E. **Mental representation and consciousness**: Towards a phenomenological theory of representation and reference. Dordrecht: Springer, 1993.

MARBACH, E. Wie sich Bewusstsein mit Hilfe der Husserlschen Phänomenologie in die (Neuro)Wissenschaft einbeziehen lässt. In: LOHMANN, D.; FONFARA, D. (orgs.). **Interdisziplinäre Perspektiven der Phänomenologie**. New York: Springer, 2006. p. 203–234.

MCKINNEY, J.; SATO, M.; CHEMERO, A. Habit, ontology, and embodied cognition without borders: James, Merleau-Ponty, and Nishida. In: TESTA, I.; CARUANA, F. (orgs.). **Habits**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 184–203.

MELLE, U. "Studien zur Struktur des Bewusstseins": Husserls Beitrag zu einer psychologischen Phänomenologie. In: UBBIALI, M.; WEHRLE, M. (orgs.). **Feeling Value and**



**Action:** Essays in the Context of a Phenomenological Psychology. New York: Springer, 2015. p. 3–11.

MOISO, F. **Natura e cultura nel primo Fichte**. Milano: Mursia, 1979.

MONTAVONT, A. **De la passivité dans la phénoménologie de Husserl**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

MORAN, D. Edmund Husserl's phenomenology of habituality and habitus. **Journal of the British Society for Phenomenology**, London, v. 42, n. 1, p. 53–77, 2011.

LEE, N. **Edmund Husserls Phänomenologie der Instinkte**. Dordrecht-Boston-London: Kluwer, 1993.

NUZZO, A. The Trieb of dialectic: Systematic and thematic extension of the concept of Trieb in Hegel. In: KISNER, M.; NOLLER, J. (orgs.). **The concept of drive in classical German philosophy: Between biology, anthropology, and metaphysics**. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 281–288.

PORTA, M. A. G. A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 31, n. 99, p. 107–131, 2004.

RANG, B. **Kausalität und Motivation: Untersuchungen zum Verhältnis von Perspektivität und Objektivität in der Phänomenologie Edmund Husserls**. Den Haag: Nijhoff, 1973.

RIETVELD, E. **Situated normativity: The normative aspect of embodied cognition in unreflective action**. *Mind*, Oxford, v. 117, n. 468, p. 973–1000, 2008.

SCHNELL, A. **Temps et Phénomène: La phénoménologie husserlienne du temps (1893–1918)**. Hildesheim: Olms, 2004.

SCRIBNER, S. **Matters of Spirit: J. G. Fichte and the Technological Imagination**. University Park, PA: Penn State University Press, 2010.

SOLLER, A. **Trieb und Reflexion in Fichtes Jenaer Philosophie**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1984.

STOLZENBERG, J.; AMERIKS, K. **German Idealism and Contemporary Analytic Philosophy**. Internationales Jahrbuch des Deutschen Idealismus, 2005.

TESTA, I.; CARUANA, F. (eds.). **Habits: Pragmatist approaches from cognitive science, neuroscience, and social theory**. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 2020.

TERNENT, J. Any Colour You Like: The Interplay of Fichte's 'I', 'Not-I', and Anstoß. **Fichte-Studien**, Amsterdam, v. 53, p. 441–462, 2022.

THROOP, C.; MURPHY, K. Bourdieu and Phenomenology: A Critical assessment. **Anthropological Theory**, London, v. 2, n. 2, p. 185–207, 2002.

VARELA, F. Neurophenomenology: A methodological remedy to the hard problem. **Journal of Consciousness Studies**, Thorverton, v. 3, p. 330–350, 1996.



WEIBEL, V.; BREAZEAL, D.; ROCKMORE, T. **Fichte and Phenomenological Tradition**. Berlin; New York: De Gruyter, 2010.

YAMAGUCHI, I. **Passive Synthesis und Intersubjektivität bei E. Husserl**. Den Haag; Boston; London: Martinus Nijhoff, 1982.

ZAHAVI, D. **Husserl's Phenomenology**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

ZAHAVI, D.; GRÜNBAUM, T.; PARNAS, J. **The Structure and Development of Self-Consciousness: Interdisciplinary perspectives**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

ZAMMITO, J. H. Herder between Reimarus and Tetens: The problem of an animal-human boundary. In: WALDOW, A.; DE SOUZA, N. (orgs.). **Herder**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 127–146.

**Recebido em:** 07 de agosto de 2025.

**Aceito em:** 03 de fevereiro de 2026.